

A História enquanto debate: a análise contestadora de “A Formação da Classe Operária Inglesa”*

Bryan D. Palmer**

Resumo: Este artigo discute as formulações de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, partindo da perspectiva de que a análise empírica realizada por E. P. Thompson e os argumentos por ele elaborados podem ser melhor compreendidos levando-se em consideração suas experiências, com destaque para seu trabalho como educador de adultos no decorrer de quase vinte anos, e para as polêmicas em variadas frentes por ele desenvolvidas. Dessa maneira, torna-se possível compreender E. P. Thompson e sua obra em toda sua complexidade e criatividade, para além de tentativas mal sucedidas de enquadrá-lo em definições estáticas.

Palavras chave: E. P. Thompson – Classe operária – Dialética

Abstract: This paper discusses the “The Making of the English Working Class” given the perspective that the empirical analysis done by E. P. Thompson and the arguments formulated by him can be better understood by taking into account his experiences, especially his work as an educator of adults over almost twenty years, and the polemics on various fronts developed by him. Thus, it becomes possible to understand E. P. Thompson and his work in all its complexity and creativity, as well as the unsuccessful attempts to put it in a framework of static schemes.

Keywords: E. P. Thompson – Working class – Dialectic

Há poucas palavras no vocabulário de Edward Thompson mais valorizadas, ou mais utilizadas, do que debate. Considere o Prefácio de 1978 de “A Miséria da Teoria e Outros Ensaios [The Poverty of Theory & Other Essays]”, no qual Thompson insistiu que a política do internacionalismo socialista era, necessariamente, uma “confluência, um intercâmbio. O debate é seu verdadeiro símbolo”.¹ De fato, para Thompson, o debate era algo como uma metodologia imperativa. “É apenas enfrentando a oposição que me torno totalmente capaz de definir meu pensamento”, ele escreveu para Leszek Kolakowski em 1973, comparando-se a uma abetarda, que “pelas leis largamente conhecidas da aeronáutica, só pode elevar-se no

* Tradução Renake Bertholdo David das Neves.

** Professor da Trent University, Ontário, Canadá. Autor de vários livros, entre eles *Edward Palmer Thompson. Objeções e oposições*, publicado no Brasil pela Editora Paz e Terra.

1 THOMPSON, E. P. *The Poverty of Theory & Other Essays*. London: Merlin, 1978, p. iv.

ar contra o vento forte”.² Thompson, semelhantemente a William Blake, a quem tanto admirou, articulou formas de “fugir do moralismo e da sabedoria estabelecida e explorar novas possibilidades”. O debate era, tanto para Thompson quanto para Blake, uma forma de manter “a visão divina em tempos de dificuldade”, e nesse frequente híbrido histórico paradoxal era possível abraçar “tradições incompatíveis”, as quais poderiam “ser postas em tensão polarizada” e “debatidas como conflitantes”.³ Logo após sua saída do Partido Comunista da Grã-Bretanha, em 1956, Thompson abraçou a importância do debate fundamentado. Quando ele e John Saville estavam discutindo o tipo de revista que queriam lançar, a fim de expressar a voz do comunismo renovado, Thompson escreveu “[a] principal coisa que desejo nessa revista é a crítica”.⁴ Havia, obviamente, muito que criticar, não apenas no âmbito da sociedade convencional e sua hegemonia capitalista, mas também no âmbito da esquerda, em que lealdades inapropriadas à degenerada União Soviética e a adoção acrítica da ideologia estalinista enfraqueceram substancialmente a possibilidade de revolução. A *Reasoners* de 1956, levada a cabo por Thompson, sua mulher Dorothy e John Saville, expressou a despedida deles do Partido Comunista, portando como bandeira uma citação de Marx: “Não combater um erro é encorajar a imoralidade intelectual.”⁵ Thompson, assim como seu colega nas mobilizações de dissenso nos anos de 1950, C. Wright Mills, adotou um posicionamento que evocava o melhor do poderoso poema de W. H. Auden, 1º de setembro de 1939, escrito quando a guerra estourou na Europa:

Tudo o que eu tenho é uma voz
Para desfazer a mentira encoberta
A romântica mentira no cérebro
Do mundano homem das ruas
E a mentira da Autoridade
Cujos prédios apalpam o Céu...⁶

Desfazendo a mentira encoberta

É precisamente essa diversidade de debates que anima “A Formação da Classe Operária Inglesa” de Thompson. Em relação ao tom empregado por ele, isso fez com que sua escrita fosse vigorosamente diferente de quase tudo conhecido nos círculos acadêmicos. Thompson justificava essa voz questionadora, argumentativa, insurgindo-se contra a falsa amabilidade do discurso erudito, envolto como estava nas seduções dos diálogos gentis, soterrado como estava pelo peso da fetichização do vazio, promiscuamente apregoado como a única forma de diálogo piedosamente polida:

2 THOMPSON, E. P. op. cit., 1978, p. 396.

3 THOMPSON, E. P. *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 20-21 e 228-229; PALMER, Bryan D. “Paradox and the Thompson School of Awkwardness”. In: FIELDHOUSE, Roger; TAYLOR, Richard. (Eds.). *E. P. Thompson and English Radicalism*. Manchester: Manchester University Press, 2013, p.201-224; CHANDAVARKAR, Rajnarayan. “The Making of the Working Class: E. P. Thompson and Indian History”. *History Workshop Journal*. 43 (Spring), p. 177-196, 1997.

4 MATTHEWS, Wade. *The New Left, National Identity, and the Break-Up of Britain*. Leiden and Boston: Brill, 2013, p. 68.

5 PALMER, Bryan D. *The Making of E. P. Thompson: Marxism, Humanism, and History*. Toronto: New Hogtown Press, 1981, p. 73.

6 THOMPSON, E.P. op. cit., 1978, p. 220; THOMPSON, E. P. “C. Wright Mills: The Responsible Craftsman”. *Radical America*. 13 (4), p. 64, 1979.

Eu às vezes imagino esse ambiente (e é a solenidade estilo visita — à igreja da procissão que provoca em mim a irreverência) como uma gentil senhora, parente próxima do Senhor Eliot, tão distinta quanto se tornou a instituição: A Tradição. Ela se senta ali, com aquela questão branca engomada na cabeça, tricotando definições sem se preocupar com reconhecimento ou recompensa (algumas delas serão separadas e enviadas para as Vítimas da Indústria) — e na presença dela, *deve-se moderar a linguagem!* A primeira palavra impetuosa, a menor suspeita de riso ou polêmica em sua presença, e A Tradição pode pular um ponto e ter que começar a tricotar todas aquelas definições novamente. [...] Mas A Tradição nunca foi assim: Burke afrontou, Cobbett insurgiu-se, Arnold foi capaz de insinuações maliciosas, Carlyle, Ruskin e D. H. Lawrence, em suas meias-idades, não escutavam ninguém. Isso pode vir a ser lastimável, mas eu não consigo enxergar que a comunicação de raiva, indignação, ou mesmo malícia, seja minimamente menos genuína. O que é evidente aqui é a preferência mascarada — em nome da “genuína comunicação” — pela linguagem da academia.⁷

Não entrando no mérito das considerações contemporâneas sobre as construções sociais de gênero, essa é uma defesa da escrita enquanto debate que porta reflexão. E embora deva ser reconhecido que Thompson tenha se tornado, após o sucesso acadêmico de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, mais reservado em seus estudos históricos, mais inclinado a “afinar” seu “próprio aparato erudito” com a precisão, o rigor e o peso da documentação requeridos para trabalhos necessariamente sujeitos à crítica de uma “profissão profundamente conservadora”, seu texto mais famoso e influente, na verdade, não foi escrito sob esse espírito, como ficou evidente no que ele mais tarde iria definir como “minhas atitudes relativamente irreverentes para com as respeitabilidades acadêmicas”. “A Formação”, em suma, “não foi um livro escrito para o público acadêmico”. Antes, foi cultivado no ambiente da educação adulta, e seu público foi pensado pelo seu autor como composto por “pessoas trabalhadoras, sindicalistas, funcionários de escritório, professores e assim por diante... e também o público de esquerda, do movimento trabalhista e da Nova Esquerda”, em que estavam incluídos os Clubes da Nova Esquerda (New Left Clubs), tão valorizados pelo casal Edward e Dorothy Thompson, e por Stuart Hall. “Eu estava tentando expressar as preocupações teóricas e filosóficas suscitadas por dez anos de trabalho de extensão”, Thompson mencionou em 1980 — o livro era destinado “ao bom aluno de extensão... Meu material parecia mais algo oriundo da Biblioteca Batley do que da *Economic History Review*”. Segundo Thompson, isso “NÃO foi aprendido na tradição acadêmica”.⁸

O estilo de Thompson, quando ele estava elaborando “A Formação”, portanto, era mais próximo daquele de Jonathan Swift ou William Hazlitt do que daquele da sala de seminários da universidade. Além do estilo, no entanto, o debate sistematizou “A Formação da Classe Operária Inglesa” de formas particularmente importantes. Há uma poderosa análise contestadora que guia o livro, e a escavação das mentiras encobertas que envolvem o processo de formação de classe nos mais diversos níveis da “enorme condescendência da posteridade” é o que dá ao livro

7 THOMPSON, E. P. “The Long Revolution (Part I)”. *New Left Review*. 9, may-june, p. 25, 1961; THOMPSON, E. P. *Warwick University Ltd: Industry, Management, and the Universities*. Harmondsworth: Penguin, 1970.

8 MATTHEWS, W. op. cit., 2013, p. 68; MERRILL, Michael. “Interview: E. P. Thompson”. In: ABELOVE, Henry et al. (Eds.). *Visions of History: Interviews with E. P. Thompson, Eric Hobsbawm*. New York: Pantheon, 1983, p. 7; PALMER, Bryan D. E. P. *Thompson: Objections and Oppositions*. London and New York: Verso, 1994, p. 90-92.

sua poderosa e persistente relevância e explica sua estrutura única.⁹ Em um nível, e como o próprio Thompson destacou muito claramente, o livro surgiu “a partir de uma polêmica teórica com dois lados”, opondo-se contra a “firme, intelectualmente muito bem estabelecida, disciplina da história econômica [...] amplamente contaminada pela ideologia capitalista”, por um lado, e, pelo outro, “as apressadas interpretações economicistas do marxismo” que “simplificaram [...] a formação da classe trabalhadora”.¹⁰ Isso posto, a maneira como foi feito “A Formação da Classe Operária Inglesa” foi mais complicado do que isso.

Se Thompson gerou uma indústria de comentário crítico, poucos foram aqueles que se dedicaram a uma discussão sobre a organização ligeiramente estranha, quase incoerente, certamente repetitiva, de “A Formação da Classe Operária Inglesa”.¹¹ Porém, como irei indicar na discussão acerca dos diferentes níveis de argumentação de Thompson, havia um propósito por trás da forma peculiar de ordenar a narrativa da formação da classe.

Debates em todas as trincheiras de Auden

Se tomarmos a metáfora da “mentira encoberta” de Auden e pluralizarmos seu significado como ele fez, nós encontraremos distintos campos nos quais Thompson argumentou contra as convenções arraigadas e as posições ideológicas. Foi isso que ele pretendeu quando, no prefácio de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, declarou que havia sido “consciente, por vezes, de escrever contra o peso das ortodoxias dominantes”.¹² Isso foi um eufemismo. As questões ficam mais complicadas na medida em que as ortodoxias não eram, de modo algum, peças do mesmo molde. Seguindo Auden, nós podemos discernir três tipos particulares de ortodoxia — todas muito distintas entre si e todas requerendo reconsideração ou refutação — contra as quais Thompson argumentou. O tom da escrita de Thompson variou, dependendo das posições que ele estava tentando desenvolver, as quais, por sua vez, eram inseparáveis das convenções arraigadas que ele estava questionando.

Primeiramente, havia as tradições e associações que podem ser relacionadas com o “mundano homem das ruas”. Isso pode ser comparado à complexa herança da classe trabalhadora inglesa. Seu autodidatismo continha, muitas vezes, duas facetas: por um lado, havia as correntes radicais e os turbilhões contestadores que sustentaram uma torrente de resistência que fluiu desde o século XVIII até a era do segundo pós-guerra. Isso Thompson queria revitalizar. Mas havia sempre uma complicada inércia, constituída ao longo dessa história, e um caráter constantemente contraditório. Práticas e conhecimentos materiais gerados fora da vida da classe trabalhadora e as colisões de classe incrustadas na rotina do dia a dia precisavam, frequentemente, ser sacolejados da sonolência, desafiados em sua tendência à complacência ou, até mesmo, à capitulação. Esse foi especialmente o caso, referente ao movimento dos trabalhadores, em que as conquistas históricas por meio de lutas poderiam validar orientações específicas que pareceram ser conquistas consolidadas, diminuindo, ou mesmo negando, as práticas mais contestatórias que, de fato, contribuíram para os avanços, mesmo que parecessem ter

9 THOMPSON, E. P. *The Making of the English Working Class*. Harmondsworth: Penguin, 1968, p. 13.

10 MERRILL, M. op. cit., 1983, p. 6-7.

11 ANDERSON, Perry. *Arguments within English Marxism*. London: Verso, 1980.

12 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 12.

sido suprimidas.¹³ A relação de Thompson com o “mundano homem das ruas” não era a de um aspirante diante da ação, portanto, mas, sim, um balanço complexo no qual o equilíbrio entre os pontos fortes e fracos da herança de classe era vital. Ele sabia, enquanto jovem tutor no ensino a adultos no Departamento de Extensão da Universidade de Leeds, comandado por Stanley Raybould, que deveria promover o nível da consciência de classe dos trabalhadores e não surgir diante dela, de joelhos. Desse modo, quando perguntado sobre qual era seu propósito ao ensinar trabalhadores, ele respondeu francamente, e aparentemente entusiasmado, que era “forjar socialistas, criar revolucionários e transformar a sociedade”.¹⁴

Weekend in Dinlock, de Clancy Sigal, apresenta um Thompson ficcionalizado, chamado Charles, um intelectual de Halifax escrevendo um livro sobre história do trabalho e ensinando trabalhadores. O protagonista do romance de Sigal procura obter na “instrução” provinda de Charles aquilo que diz respeito às experiências que viveu em uma comunidade mineira. Charles ouve atentamente as histórias de Dinlock, reflete sobre elas, e responde: “É um lugar atrasado, você sabe.”¹⁵ Ao longo de “A Formação”, o entusiasmo de Thompson pelas proezas dos organizadores e militantes da classe trabalhadora estende-se, frequentemente, a um sentimento que reconhece aquilo que foi conquistado dentro das comunidades por meio de lutas contra a depreciação da realidade material da despersonalizada economia de mercado. Ao mesmo tempo, ele lamentou o tempo perdido em “anos de autodidatismo”, resultando, em ofícios como o de tecelão artesanal, em uma “pátina de clichês”. Alguns poetas-tecelões, Thompson propôs, conseguiram adquirir um conhecimento de textos clássicos, de autores como Virgílio, Ovídio e Homero, assim como de Biologia e de Botânica. Mas os frutos de sua cultura autodidata se atrofiaram, seus versos exibiam “poucos méritos literários”, marcados pela comoção e pela emulação forçada de formas literárias alheias a sua cultura, com reflexões autoconscientes lamuriosas: “está tudo acabado: devo continuar a trabalhar em meio à algazarra das máquinas”. Essa não é uma postura de romantização, de concessões populistas ao *pedigree* da classe. Ao contrário, viu a classe sendo formada na sinuca de bico imposta pela situação de subordinação, sua criatividade alentada pelo radicalismo e pelas mobilizações coletivas como o cartismo. Infelizmente, como Thompson distinguiu, houve muitas vítimas na formação dessa classe, entre as quais aquelas cuja queda do *status* foi medida em perdas no bem-estar material, na independência e na vitalidade cultural.¹⁶ Além do mais, mesmo ícones do radicalismo emergente foram submetidos a escrutínio. Tanto quanto Thompson via em Paine um publicista genial, reverenciado por setores radicais da classe trabalhadora, ele estava consciente das limitações das intervenções sublevadoras de Paine: Thompson escreveu que Paine carecia “de qualquer profundidade de leitura, qualquer sentido de segurança cultural e é traído pelo seu temperamento arrogante e impetuoso ao escrever passagens de mediocridade”; “as limitações da ‘razão’ de

13 ANDERSON, Perry. “Socialism and Pseudo-Empiricism: The Myths of Edward Thompson”. *New Left Review*, 35, jan.-fev., p. 2-42, 1966; NAIRN, Tom. “The English Working Class”. *New Left Review*, 24, mar.-abril, p. 43-57, 1964.

14 SEARBY, Peter; MALCOLMSON, Robert. “E. P. Thompson as a Teacher: Yorkshire and Warwick”. In: RULE, John; MALCOLMSON, Robert (Eds.). *Protest and Survival: Essays for E. P. Thompson*. London: Merlin, 1993, p. 3; FIELDHOUSE, op. cit., 2013, p. 27; STEELE, Tom. “E. P. Thompson, the WEA and Radical Workers’ Education in Yorkshire”. In: FOWLER, Luke. *The Poor Stockinger, the Luddite Cropper, and the Deluded Follower of Joanna Southcott*. Wolverhampton: Film and Video Umbrella, 2013, p. 11-38.

15 SIGAL, Clancy. *Weekend in Dinlock*. London: Secker & Warburg, 1961, p. 83.

16 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 322-325.

Paine devem ser recordadas”, pontuou Thompson, detectando “uma desenvoltura e uma falta de recursos imaginativos” que nos lembra “as críticas de Blake à ‘visão única’”.¹⁷

A recusa de Thompson à condescendência, desse modo, não se traduz em um distanciamento sentimental da crítica fundamentada em relação às limitações das experiências da classe trabalhadora. Ainda assim, tal crítica sempre foi atualizada pelos ensinamentos que colheu por meio do contato com os trabalhadores e suas experiências, lições que, segundo Thompson, todos os intelectuais e acadêmicos universitários poderiam aprender. Em 1950, em um debate sobre educação dos trabalhadores a respeito das “normas da Universidade”, Thompson manteve-se firme contra a visão de que a pedagogia dos oprimidos era algo como uma via de mão única, em que os rigores da academia deveriam ser levados para a comunidade plebeia. Citando “Judas, o Obscuro”, de Thomas Hardy, Thompson sublinhou a iluminação que obteve a partir da leitura do texto de Hardy, de que o “canteiro” de um pedreiro constitui “um centro de empenho tão valioso quanto aquele dignificado pelo nome de estudo erudito dentro da mais nobre das faculdades”.¹⁸ Thompson abraçou incondicionalmente a compaixão e a capacidade de ouvir de William Wordsworth, “Da boca dos homens humildes e anônimos / Uma história de honra”. De fato, Thompson transformou isso em uma necessidade carregada de importância política e intelectual:

Quando eu comecei a investigar,
A observar e indagar àqueles que conheço, e
A manter conversas pessoais com eles, as solitárias estradas
Eram escolas para mim, onde eu lia diariamente
As paixões da humanidade com o máximo de deleite,
Ali enxerguei na profundidade das almas humanas,
Almas que pareciam não ter qualquer profundidade
Aos olhos comuns. E agora convencido, no fundo do coração,
De quão pouco aquilo a que unilateralmente damos
O nome de educação tem a ver
Com o autêntico sentimento e o senso de justiça.¹⁹

Os debates, desse modo, deveriam se dar em todas as direções; do contrário, o aprendizado seria empobrecido. “Há muito pouca rebeldia na sala de aula”, Thompson reclamou uma vez, a respeito de suas aulas na extensão para educação de adultos, “e [...] parece que todo o andamento da aula pode dar-se sem uma boa discussão séria entre os estudantes”.²⁰ Mesmo “o mundano homem das ruas”, portanto, poderia ser inibido e dominado pelas mentiras do consenso. O debate era necessário a fim de abalar tais embustes, revelando-as de maneira a desenvolver uma consciência contestadora.

Em segundo lugar, contudo, estava a mais simples “mentira da Autoridade”, que podia assumir várias formas, inscritas tanto no passado quanto nas interpretações da história. A difundida ideia de que o mundano homem das ruas nunca foi imune às apologias ideológicas e à sua capacidade de construir valores hegemônicos a

17 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 98 e 107.

18 PALMER, B. op. cit., 1994, p. 64-67.

19 THOMPSON, E. P. *Education and Experience: Fifth Mansbridge Memorial Lecture*. Leeds: Leeds University Press, 1968a, p. 6 e 8.

20 SEARBY, P. op. cit., 1993, p. 10.

partir do local de classe é, em parte, distorcida. Tal situação envolveu economistas políticos do século XVIII, líderes religiosos do século XIX e acadêmicos do século XX, e todos eles, entre outros, seriam contestados por Thompson em “A Formação da Classe Operária Inglesa”.

Em terceiro lugar, e finalmente, havia a complicada “romântica mentira no cérebro”. Esta, podemos supor, envolveu as equivocadas pressuposições associadas à esquerda, a promessa de transformação social baseada em premissas, por exemplo, do comunismo oficial e suas construções estalinistas, ou do gradualismo e evolucionismo, do processualismo parlamentar da social democracia em geral, expressos nas tradições do fabianismo e do Partido Trabalhista, especificamente no caso britânico. Contra esse tipo de política e contra a maneira que esta conduziu, por décadas, a leitura da história das lutas dos trabalhadores, Thompson formularia poderosos argumentos.

Apenas quando consideramos que as três partes de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, intituladas “A Árvore da Liberdade”, “A Maldição de Adão” e “A Força dos Trabalhadores”, constituem, de fato, argumentos elaborados com propósitos diferentes, orquestrados por níveis ligeiramente distintos de divergência, é que podemos entender, eu suponho, como o livro de Thompson foi confeccionado. Levando-nos ao encontro dos desenvolvimentos históricos concretos articulados com os contextos sociais, econômicos, políticos, intelectuais e culturais específicos, indo e voltando, insistentemente, sobre os comportamentos e práticas no período 1790-1832, Thompson debulhou as camadas das mentiras metafóricas, expondo os pontos fortes e trazendo à luz as debilidades, complexificando as atitudes e sensibilidades dos atores sociais e dos especialistas, recuperando significados há muito perdidos devido à negligência ou ao desdém, e, quando necessário, sendo implacável em refutações inequívocas. “A Formação da Classe Operária Inglesa” é a articulação de debates em todas as trincheiras.

A construção de “A Formação da Classe Operária Inglesa”: a estrutura do debate

O debate estruturou toda a escrita de Thompson, que explicou para Michael Merrill, em entrevista realizada em março de 1976, como os projetos do livro não apenas se desenvolveram de forma involuntária como também nasceram de um material que acabou por tomar conta dele. E o ímpeto original nesse processo foi sempre o de se posicionar contra determinados textos, os quais incitaram a oposição ativa de Thompson. No caso de seu estudo sobre William Morris, Thompson destacou explicitamente como ele foi influenciado por Morris e seu significado em suas aulas para educação de adultos e, então, após a leitura de “dois livros pavorosos sobre Morris”, ele pensou: “tenho que responder a isso”. Com “A Formação da Classe Operária Inglesa”, um livro que foi encomendado para ser um manual escolar sobre a história do trabalho entre 1832 e 1945, escrito por dinheiro, “foi a mesma história que aconteceu com Morris”. Na preparação circunstancial para introduzir sua investigação a respeito da história do trabalho, Thompson começou a ler alguns trabalhos recém-publicados sobre lutas populares e agitações, e sua repressão nos anos anteriores a 1832. Ele ficou chocado com a má qualidade deles. O debate o impeliu a ir adiante, o material tomou conta dele, e o resultado foi “A Formação da Classe Operária Inglesa”.²¹

²¹ MERRILL, M. op. cit., 1983, p. 13-14; THOMPSON, E. P. “The Murder of William Morris”. *Arena*. 2 (7), 1951; THOMPSON, E. P. *William Morris: Romantic to Revolutionary*. London: Lawrence & Wishart, 1955; THOMPSON,

Isso posto, foi precisamente porque “A Formação” foi concebido e desenvolvido enquanto Thompson lecionava na educação para adultos que o livro foi estruturado de maneira tão peculiar. Thompson estava ávido para entrar em diálogo com a cultura autodidata da classe trabalhadora que ele encontrara em suas aulas, e ele indubitavelmente moldou a introdução de seu estudo sobre formação da classe de forma a aproximar-se da arraigada experiência intelectual e política da audiência de trabalhadores que ele encontrou em seu peripatético magistério em Yorkshire. Portanto, ele estava menos interessado em estruturar seu livro de acordo com os traços convencionais do marxismo delineados por Anderson ou em aderir ao rotineiro padrão da publicação acadêmica. Em vez disso, ele iniciou com “alguns aspectos da consciência plebeia”, relatando depois que, na Primeira Parte de “A formação”, ele estava tentando deliberadamente responder ao desafio posto por uma série de questões que, a seu ver, “não eram suficientemente abordadas [...] [que] permaneciam como um desafio”.²² A partir daí, ele podia avançar para os debates da Segunda Parte, que se voltou mais à polêmica com aqueles que, no passado e no presente, defenderam e racionalizaram as normas disciplinares do capitalismo e sua essência exploradora. Finalmente, na Terceira Parte, Thompson preparou o palco para uma análise sobre a força da classe trabalhadora, na medida em que esta desenvolveu consciência de uma autoidentidade e adotou uma política de contestação radical com relação a seus adversários de classe. Examinando essa história, Thompson não estava apenas combatendo a complacência e a condescendência da direita, mas também os caminhos pelos quais um tipo diferente de antolho ideológico cegou grande parte da esquerda convencional sobre a natureza e sobre as dimensões da luta de classes no passado. Portanto, o livro de Thompson estava debatendo contra as mentiras mencionadas no poema de Auden: a do mundano homem das ruas; a da Autoridade; e a do cérebro romântico da oposição ortodoxa. “O ato de reescrever uma história”, Thompson ressaltou uma vez, “não pode ser realizado sem apagar a história de outras pessoas”.²³

Debate I: a Árvore da Liberdade revista

A discussão mais sutil a ser extraída de “A Formação da Classe Operária Inglesa” está na Parte I, “A Árvore da Liberdade”. Thompson rara e indiretamente aludiu a essa discussão, mas sua importância, eu sugeriria, é vital, e serve, em grande medida, para retificar as infundadas críticas que distinguem Thompson como apenas uma voz populista no projeto socialista.²⁴ O que eu quero propor é que “A Formação da Classe Operária Inglesa” se inicia com a Parte I por um motivo. Thompson escolheu começar seu livro com um relato sobre a organização democrática plebeia na Sociedade Londrina de Correspondência [*London Corresponding Society*] nos anos de 1790, e se desloca abruptamente para discussões a respeito da dissidência religiosa e dos textos de fundação do “radicalismo latente”²⁵ dos

E. P. “God and King and Law”. *New Reasoner*. 3 (winter), 1957; GOODWAY, David. “The making of *The Making*”. In: FIELDHOUSE, Roger; TAYLOR, Charles (Eds.). *E. P. Thompson and English Radicalism*. Manchester: Manchester University Press, 2013; PALMER, op. cit., 1994, p. 52-106.

22 MERRIL, M. op. cit., 1983, p. 14-15.

23 PALMER, B. op. cit., 1994, p. 157; THOMPSON, E. P. “Preface”. In: LYND, Staughton. *Class conflict, slavery, and the United States Constitution*. Indianapolis: Bobs-Merril, 1967; THOMPSON, E. P. “Theory and Evidence”. *History workshop journal*. 35 (Spring), 1993A.

24 MATTHEWS, W. op. cit., 2013, p. 59-104; PALMER, B. op. cit., 2013.

25 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 34.

séculos XVIII e XIX — “O Peregrino”, de John Bunyan, e “Os Direitos do Homem”, de Thomas Paine — antes de se deter sobre os habitantes das “fortalezas de Satanás”, entre os quais superstição, irreligiosidade passiva, preconceito e patriotismo coexistiram com tendências mais contestadoras do *status quo*. Finalmente, ele encerra a Parte I com uma exposição acerca de como a Revolução Industrial foi baseada no legado humano e sócio-político do “inglês livre de nascimento”. Criou-se uma situação na qual, como John Thelwall definiu em “Os Direitos da Natureza” (1796), “cada grande oficina e manufatura é um tipo de sociedade política, que nenhuma lei do Parlamento pode silenciar, e nenhum magistrado dispersar”.²⁶

Thompson iniciou “A Formação” com esse intrincado conjunto de justaposições, precisamente porque ele estava almejando mergulhar seus leitores da educação para adultos no território de análise que lhes era, ao mesmo tempo, familiar e desconhecido. Ele estava deliberadamente complicando as tradições nacionais convencionais da classe trabalhadora inglesa, discutindo pressupostos que passaram longo tempo sem ser questionados, olhando atentamente para os pontos os quais a face respeitável do “Trabalho”, por demasiado período, fechou os olhos para sua interpretação. Como um tutor da educação para adultos em Yorkshire, Thompson sabia que Bunyan e Paine estavam nas prateleiras dos leitores, muitas vezes autodatas, que frequentavam suas aulas, tendo sido passados de uma geração para outra, mesmo que os caminhos de uma modesta mobilidade ascendente tenham deslocado a base material da posição de classe.²⁷ Ele valorizava o peso da crença convencional na contribuição positiva do Metodismo para o movimento da classe trabalhadora.²⁸ Era também impossível não perceber que a tendência daqueles dedicados à educação era dividir as pessoas entre “as boas, estabelecidas e frequentadoras da igreja, e as más, desregradas”, assim como essa inclinação era reforçada por fontes históricas e, sobretudo, pela ideologia complacente da autoajuda.²⁹

O propósito da Parte I de “A Formação” era, portanto, duplo: revolucionar a apreciação de algumas convenções, como a do “inglês nascido livre”, que, através dos séculos, tornaram-se *demasiadamente* convencionais; e complexificar tais convenções, ao insistir que suas rígidas bases, que se concretizaram, ao longo do tempo, em barreiras ao espírito franco da rebelião que originalmente animaram o movimento, deveriam ser estimuladas com análises sobre os setores sociais mais revoltosos e sua resistência à assimilação à máquina capitalista de incorporação.

Thompson, dessa maneira, colocou as leituras radicais de Norman Yoke, da árvore da liberdade, das sociedades reformistas, de Tom Paine e de “O Peregrino” no contexto dos anos de 1790. Tudo isso se tornou um caldeirão que solidificou a consolidação da economia capitalista e as políticas de uma democracia emergente, em expansão, pressionadas pela proclividade do Estado à repressão, à corrupção e ao encarceramento. Ele se aproximou das familiaridades do relato do século XVII a respeito do peregrino cristão escrito por Bunyan, das demonstrações de inocência e experiência de William Blake, talvez até mesmo das origens do movimento trabalhista como foram filtradas pela interpretação acerca das tradições de ajuda mútua elaborada por Sidney e por Beatrice Webb. Thompson tomou as correntes radicais e os turbilhões contestatórios que sustentaram Bunyan nos séculos XVIII e XIX, quando eles passaram a povoar o pensamento de Paine, de Cobbett e de Owen,

26 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 203.

27 ELEY, Geoff. “Class Formation, Politics, Structures of Feeling”. *Forthcoming Labour/Le Travail*. 72 (Fall), 2013.

28 THOMPSON, E. P. “On history, sociology, and historical relevance”. *British Journal of Sociology*. 27 (September), 1976.

29 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 59.

porém, libertando-os da custódia hegemônica da “nação” e sua subordinação de todos os interesses de classe àqueles da burguesia ascendente. Dando destaque às agitações jacobinas de 1792-1796, Thompson asseverou que o radicalismo dos anos de 1790 “alterou as atitudes subpolíticas do povo, afetou alianças entre classes, e iniciou tradições que se prolongaram até o presente século”. Ele reinterpretou os direitos do inglês livre de nascimento, os quais uma história oficial reduziu a políticas de apatia e constitucionalismo pedagógicos, gradualismo parlamentar, colocando sobre aqueles o selo de iniciativa revolucionária. John Thelwall levou o jacobinismo às fronteiras do socialismo e do revolucionarismo, defendendo um tipo de agitação sem limites, que foi além da declaração da Sociedade Londrina de Correspondência de Thomas Hardy: “Que o número de membros seja ilimitado”. Thomas Spence, um pobre mestre-escola de Newcastle, abraçou a agitação subversiva, a abolição da propriedade privada sobre a terra e os direitos da mulher à liberação sexual. Se tais líderes foram tão poucos, o espírito de seu tempo talvez tenha sido capturado por uma breve nota de George Cumberland, amigo de William Blake e também seu companheiro na arte da gravura: “Nenhuma novidade, preservar aquela Grã-Bretanha é enforcar o irlandês, caçar os quilombolas, alimentar a Vendée e estabelecer o comércio de carne humana.”³⁰ O propósito de Thompson em “A Formação” era lembrar aos leitores ingleses que esses “conspiradores jacobinos existiram de fato”, mas também era enfatizar como, por volta de 1799, aproximadamente, todos eles “estavam presos ou exilados”.³¹ A tradição do inglês livre de nascimento não era uma dádiva de nenhum Estado benevolente ou um consenso reconhecido e reverenciado. Foi um território em disputa. No contexto dos anos de 1790, essa tradição foi consolidada por meio de batalhas pela reforma da legislação, cujo lado obscuro incluiu a sanção de uma legislação antissindical como as Duas Leis, uma caça às bruxas e a infiltração de espiões do governo no seio dos movimentos populares, motins navais em Spithead e Nore em abril e maio de 1797, e a rebelião irlandesa de 1798.

Thompson tampouco estava sendo parcial em sua abordagem de tradições específicas. No capítulo “O cristão e o demônio”, por exemplo, não há dúvidas em sua complexa argumentação: o metodismo wesleyano foi uma influência “politicamente regressiva”, tendo o peso de seu impacto oficial recaído de maneira prejudicial sobre a extensão das liberdades populares; contudo, havia no metodismo um “espírito democrático influente” que nunca poderia ser totalmente suprimido, assim como, apesar do exitoso compromisso de Wesley com a hierarquia, poderia muito bem alimentar sensibilidades igualitárias clandestinas, até mesmo seitas oposicionistas, inflamadas. De modo mais geral, a história inglesa das dissidências religiosas, argumentou Thompson, foi feita de “colisões, rupturas, mutações; e frequentemente tem-se a sensação de que as sementes latentes do radicalismo político se encontram dentro dela, prontas para germinar onde quer que sejam semeadas em um contexto social otimista e favorável”.³² Mas a outra face da dissidência, a da consolação quietista e sua capacidade de minar posições de resistência e drenar o espírito de contestação, substituiu o impulso antiautoritário democrático pelo “emocionalismo imaturo”. Em “O Peregrino”, de Bunyan, pode eventualmente haver a possibilidade de o bom combate ser recompensado, mas não há dúvida da conexão entre o crescente espírito de integridade moral e a herança da luta:

30 THOMPSON, E. P. “Hunting the Jacobin Fox”. *Past & Present*. 142 (1), 1994; Idem. op. cit., 1968, p. 131, 175-179.

31 Idem. op. cit., 1968, p. 191.

32 Ibidem, p. 39.

Quando o contexto é otimista e as agitações das massas emergem, as energias ativas da tradição são mais aparentes: o cristão trava batalha contra o demônio no mundo real. Em tempos de derrota e apatia das massas, a resignação domina, reforçando o fatalismo dos pobres: o cristão sofre no vale da Humilhação, longe do ritmo das carruagens, dando as costas para a Cidade da Destruição, e procurando o caminho para uma espiritual Cidade de Sião.³³

Contra a crença generalizada na contribuição inquestionada da religião para a formação da classe trabalhadora inglesa, Thompson chamou a atenção para a complexa reciprocidade entre rebelião e utilitarismo, uma tensão que ele viu encarnada na diferença regional entre o Norte e o Sul da Inglaterra, seu secularismo metropolitano e sua força de entusiasmo de moral. “Cada tradição”, ele concluiu, parecia “se enfraquecer sem o complemento de outra”.³⁴

Esse argumento dialético também se encontrava direcionado contra as compreensões convencionais a respeito das tradições do inglês livre de nascimento. Thompson enfatizou que um estrato social que seria, em fins do século XIX ou no início do século XX, designado como escória ou subclasse demandava atenção. Havia pouco espaço para eles na respeitável construção social da “marcha progressiva do trabalho”, a qual sistematizou a autoimagem da classe trabalhadora, baseando-se nas “fortalezas de Satanás”. Thompson introduziu no mosaico político dos “membros ilimitados” uma recusa em apagar da descrição da formação de uma classe aqueles cujo pertencimento não fosse lá muito laudatório. As pessoas respeitáveis da classe trabalhadora, do tipo das que frequentavam as aulas da educação para adultos, não eram propensas a apreciar aqueles cuja resposta às novas disciplinas requeridas pelo trabalho industrial de fins do século XVIII e início do século XIX não foi a autodisciplina, mas, sim, sua refutação. Baseando-se em pesquisas que pressagiaram as investigações de meados do século XIX de Henry Mayhew a respeito dos despossuídos de Londres, especialmente as consultas de Patrick Colquhoun sobre policiamento, tavernas e indigência nos anos de 1790, Thompson complexificou a compreensão sobre a formação da classe, ao apontar para a importância das “classes perigosas”. Nem as classes proprietárias da época estudada por Thompson nem a crescente falange da propriedade, que incluía o maior arquivista do emergente movimento trabalhista, Francis Place, mostraram-se capazes de deixar de lado “sua aversão à imprevidência, à ignorância e à licenciosidade dos pobres”. E, portanto, a recalcitrância daqueles que se recusaram ao projeto da incorporação disciplinante, segundo Thompson, foi encoberta pelo mar de mentiras excludentes sobre como se constituiu a classe trabalhadora. Com o fito de desfazer essa construção, especialmente entre os autodidatas de suas aulas, Thompson introduziu no mosaico político presente na introdução de seu estudo o anárquico Pandemônio de Belzebu, no qual a “multidão mendicante, preguiçosa e intoxicada” poderia, com suas queixas ao Maldito Rei, aos Governos e à Justiça, tomar um rumo tumultuoso, guiado por “valores brechtianos”. Multidões e rebeliões foram analisadas não apenas como vetores dos anseios do povo, mas também como formas de ativismo que refletiam todas as maneiras de protesto e eram orquestradas por um amplo conjunto de impulsos, algumas vezes contraditórios, um “meio-caminho na emergência da consciência política popular”. Isso foi exposto analiticamente por Thompson de forma a questionar os estudos pioneiros de

33 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 37.

34 Ibidem, p. 58.

George Rudé, assim como a desconsideração pelo *mainstream* das chamadas multidões. A turba do final do século XVII, que Thompson trouxe à tona em sua análise sobre a formação da classe, pode ter levantado a bandeira da “Liberdade!”, mas também poderia facilmente atacar os “outros estrangeiros” em manifestações brutais de intolerância chauvinista. Noções paternalistas antigas de economia moral colidiram com novos, ainda que vagamente formulados, descontentamentos com a economia de mercado e sua mais visível construção, a expansão das fábricas. Grupos revoltosos de desordeiros podiam dirigir seus sentimentos de injustiça à esfera pública ou, alternativamente, acatar as ordens da autoridade, a qual reteve a capacidade de manipular as massas.³⁵

Ao abordar o que ele designou como “as características mais robustas e caóticas” da formação da classe, Thompson foi além das ortodoxias arraigadas da educação para adultos.³⁶ Estas acentuaram “a sóbria constituição ancestral da classe trabalhadora”. Chamando a atenção para a necessidade de mais estudos sobre “as atitudes sociais de criminosos, soldados e marinheiros, da vida na taverna”, “A Formação da Classe Operária Inglesa” desviou-se do “olhar moralizante” que frequentemente se lançam para baixo, advertindo sobre o “fatalismo, a ironia frente às homilias das instituições, a tenacidade da autopreservação” que poderiam ser prontamente encontrados entre aqueles que refutaram “as pressões coibentes de magistrados, proprietários de fábricas e Metodistas”.³⁷

Havia importância suficiente nesse *insight*, mas ele ainda acabou por expandir o desejo de Thompson de empreender uma crítica mais profunda, interrogando as políticas gradualistas e constitucionalistas que germinaram no início do século XIX e que figuram como local privilegiado em sua deliberada, e de certa maneira higienista, compilação de registros documentais referentes às origens do movimento trabalhista. Foi sob esse registro, junto à reverência devida às respeitáveis contidas reuniões dos artesãos, nas quais a tradição whig marchou pela demanda coletiva de direitos, avançando por meio do esclarecimento, da ordem e da sobriedade, que J. L. e Barbara Hammond e Sidney e Beatrice Webb basearam suas pioneiras representações da evolução da história dos trabalhadores. Thompson reconheceu essa dimensão do passado dos trabalhadores, mas ele também compreendeu, mais completamente que qualquer estudioso prévio do movimento dos trabalhadores, o quão limitadora ela era. O constitucionalismo, com seu paciente legalismo e sua fé gradualista na educação e na reforma legítima e inevitável, e contando com a homenagem liberal do reverenciado Francis Place, nas palavras de Thompson, “o Tio Tom do homem branco”, pode muito bem ter sido triunfante no longo prazo, mas também teve que combater, constantemente, um “paradoxo dialético” nas primeiras décadas do século XIX.³⁸ Sua retórica, com a qual Paine abasteceu seus mais influentes e poderosos exemplos, pareceu sempre contribuir ou para sua destruição ou para sua transcendência. Jacobinos como Joseph Gerald bombardearam os tribunais onde eles habitualmente compareceram na primeira onda de repressão dirigida às reformas de 1794:

A palavra *constituição, constituição!* soa em nossos ouvidos com perseverança incessante. Esse é o *talismã* que os inimigos da reforma empunham sobre as cabeças dos crédulos e dos simples; e como velhos e perversos magos, tendo-os, primeiramente, enredado em seus feitiços,

35 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 59-83

36 Ibidem, p. 63.

37 Ibidem, p. 63-64.

38 Ibidem, p. 96 e 170.

tiram vantagem da modorra criada por suas artes. Mas ouvir pensionistas e homens do governo falando sobre uma constituição, quando suas vidas todas constituem uma violação contínua de seus princípios, é como ouvir um monge pregando a procriação.³⁹

Paine levou essa mensagem para o século XIX e, com ela, o impulso do jacobinismo plebeu dos anos de 1790. Esse era o inglês livre de nascimento transformado pela economia política de classe, forjado entre a Revolução Industrial e a Revolução Democrático-burguesa. Nascida nestes anos, a possibilidade de um momento revolucionário poderia acenar repetidas vezes nos eventos que pontuaram as três décadas seguintes. Foi sustentada por aqueles que não mais necessitavam de uma figura de autoridade para guiar sua compreensão ou suas agitações, sua turbulência ou seu pensamento. “E o movimento pelo qual eles esperavam não pertencia aos nobres, aos industriais ou aos pagadores de impostos; pertencia a eles mesmos.”⁴⁰

O radicalismo, portanto, se fundiu à formação da classe. Teóricos da esquerda revolucionária da Sociedade Londrina de Correspondência — abertos para uma política que ia além do constitucionalismo, na qual “a imprensa secreta, o panfleto anônimo, os pavimentos marcados com carvão, a taverna, quicá os motins por alijamentos” figuraram forçosamente — foram, para Thompson, um antídoto para a respeitabilidade limitadora das regularidades rotineiras dos veneráveis comitês do sindicato. Havia, por exemplo, o caso de Thomas Spence, cujo periódico *Pig’s Meat* (1793-1796) teve como alvo a depreciação da escumalha levada a cabo por Edmund Burke. Spence, que foi encarcerado no contexto de suspensão do *Habeas Corpus* em 1794, e que cumpriu outra passagem na prisão em 1801, não foi de modo algum tímido ao promover sua visão de uma “linda e poderosa Nova República”, que viria à tona quando o Povo pusesse fim à guerra, privasse os tiranos de seus rendimentos, e construísse seu Templo da Liberdade. Quando arrastado diante dos magistrados, Spence descreveria a si mesmo como “o defensor desamparado da descendência deserddada de Adão”.⁴¹

Essa foi, portanto, uma complexa reconfiguração da compreensão tradicional a respeito das origens do movimento dos trabalhadores. Tanto quanto reconfirmou *algumas* ortodoxias que teriam formado a mentalidade do mundano homem das ruas de Auden, impulsionou-as, como foi o caso das querelas jacobinas dos anos de 1790, decididamente, rumo a direções radicais e combativas. Ao fazê-lo, colocou novas ênfases em antigas concepções, a ponto de “A Formação da Classe Operária Inglesa” de Thompson desfazer as mentiras metafóricas da formação da classe na Inglaterra como um respeitável esforço trabalhista, expondo, em vez disso, a lógica dos desafios revolucionários que foram centrais na formação da classe trabalhadora tal qual esta se desenvolveu ao longo do século XVIII e se consolidou no século XIX.

Debate II: oposição ao apologético em “A Maldição de Adão”

A descrição feita por Spence de si mesmo como “desamparado”, ou como intocado pela corrupção dos impostos, ou como defensor, e falando em nome da

39 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 140.

40 Ibidem, p. 201.

41 Ibidem, p. 170-84.

“descendência deserddada de Adão”, ou como a classe definida por sua necessidade do trabalho é uma introdução adequada à parte II de “A Formação da Classe Operária Inglesa”. “A Maldição de Adão” abre com a passagem do Gênesis 3: “Comerás o teu pão com o suor de teu rosto”.⁴²

A argumentação dessa segunda seção de “A Formação da Classe Operária Inglesa” é mais convencional e chega mais próximo ao modelo ortodoxo da história da classe trabalhadora que Perry Anderson fustigou Thompson por negligenciar em “Arguments Within English Marxism”.⁴³ Como Thompson observaria mais tarde, “A maldição de Adão” tem início com uma discussão sobre “Exploração”, e esse capítulo é “exatamente uma declaração estruturalista”.⁴⁴ Os capítulos subsequentes detalham a deterioração do padrão de vida de determinados setores da classe trabalhadora — trabalhadores do campo, artesãos e tecelões — e em todas essas declarações Thompson se empenhou em transmitir tanto a diversidade de experiências no seio da classe trabalhadora como os custos gerais impostos aos trabalhadores quando a disciplina capitalista se impõe e reconfigura a vida material.

De fato, Thompson estava menos preocupado em aprofundar os aspectos econômicos desse processo do que os significados políticos, argumentando que o “contexto político tanto quanto a máquina a vapor tiveram a maior influência na constituição da consciência e das instituições da classe trabalhadora”, obrigando toda espécie de trabalhador, fosse homem, mulher ou criança, ao que ele designou como “apartheid social”.⁴⁵ Uma parte dessa ênfase no social foi a determinação de Thompson de não reduzir a experiência da classe trabalhadora meramente a um determinado resultado de subordinação, levando Thompson a declarar desafiadoramente: “A classe trabalhadora formou a si mesma tanto quanto foi formada.”⁴⁶ Mas Thompson sempre foi consciente de operar como parte de um coletivo de historiadores, explorando problemas de classe de forma consistente, mas obedecendo a áreas especializadas de *expertise*. Como ele explicou nos anos de 1970, se havia um “certo tipo de silêncio no [seu] texto a respeito de uma análise econômica mais profunda”, isso se deveu ao fato de Thompson considerar que outros — como Hobsbawm e Saville — estavam escrevendo histórias complementares e mais estruturadas do ponto de vista econômico. Deslocar “A Formação da Classe Operária Inglesa” e sua apresentação da formação da classe daquilo que Thompson se referiu como “o todo” cria a falsa sensação de que o social, o cultural e político estão divorciados do econômico.⁴⁷

Não foi sem surpresa que os debates levados a cabo por Thompson em “A Maldição de Adão” tiveram como alvo direto considerável parte dos economistas acadêmicos que, nos anos de 1950, substituíram uma velha “ortodoxia clássica catastrofista”, a qual acentuou o “desequilíbrio econômico, a exploração e a miséria intensas, a repressão política e a agitação popular heroica” da primeira metade do século XIX. Contra os trabalhos de Karl Marx, Friedrich Engels, Arnold Toynbee, Thorold Rogers, e dos Webbs e dos Hammonds, emergiu uma réplica acadêmica vociferante, caracterizada por sua “cautela empirista”, e liderada por Sir John Clapham, Dr. Dorothy George, e o Professor Ashton. Se Thompson reconheceu as formas pelas quais essa nova escola otimista “enriqueceu a história acadêmi-

42 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 206.

43 ANDERSON, P. op. cit., 1980.

44 MERRILL, M. op. cit., 1983, p. 17.

45 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 216-7.

46 Ibidem, p. 213.

47 MERRILL, M. op. cit., 1983, p. 22.

ca”, ele foi, entretanto, inflexível em apontar que seus adeptos exibiram “uma complacência moral, um ponto de vista estreito, e uma familiaridade insuficiente com os verdadeiros movimentos de trabalhadores da época”. Perdido em suas qualificações e generalizações estava “um sentido do todo” pelo qual a classe trabalhadora foi compelida a uma estrutura de subordinação a que resistiu de formas muito criativas e firmes. O mais grave foi que as “simpatias de alguns historiadores econômicos de hoje pelo empreendedor capitalista levaram à confusão entre história e apologia”, sendo a referência dessa decadência ideológica registrada com a publicação de uma coletânea de ensaios organizada por F. A. Hayek em 1954, “Capitalism and the Historians”.⁴⁸

Se os argumentos de Thompson contra tais apologias tomaram uma guinada polêmica mais forte nessa seção de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, é impossível minimizar o quão rigorosamente ele reconceitualizou premissas de debates que haviam se tornado caducos e rotineiros. No âmago do importante *insight* revisionista de Thompson, encontrava-se uma disposição para reconfigurar os contornos mecânicos da controvérsia com uma apreciação sobre o paradoxo, sustentada por uma abordagem dialética.⁴⁹ Ele argumentou, por exemplo, que era

perfeitamente possível sustentar duas proposições, as quais, à primeira vista, poderiam parecer contraditórias. No período 1790-1840 houve uma ligeira melhora no padrão de vida material médio. No mesmo período, houve uma intensificação da exploração, maior insegurança e miséria humana crescente. Por volta de 1840, a maioria da população estava “em melhor situação” do que seus antepassados há cinquenta anos, mas eles sofreram e continuavam a sofrer essa mínima melhora como uma experiência catastrófica.⁵⁰

Ao adentrar no nonsense metodológico da criação de médias míticas e construções arbitrárias de índices sociais de “bem-estar” — nos quais, por exemplo, um historiador desenvolveu uma estimativa do custo de vida que ele confessou conter cálculos de gêneros alimentícios que pareciam prover da dieta de um diabético —, Thompson, na verdade, reescreveu os termos da contenda no interior da controvérsia sobre os padrões de vida.⁵¹ O nível da argumentação aberta de Thompson nos capítulos de “A Maldição de Adão” alcança novos patamares de sofisticação, não apenas no que se refere à sua abordagem de determinados trabalhos históricos, mas também no que tange às interrogações sobre os tipos de evidência e o que elas podem e não podem revelar.

Claramente, é nessa seção do livro de Thompson que sua prosa cáustica conduz seus argumentos na direção da polêmica. Não é de se estranhar que Thompson fosse implacável em sua crítica àqueles cujas apologias buscavam menosprezar ardilosa e secamente o sofrimento que ele detalhou com tanta indignação. Quem pode esquecer o relato de Thompson sobre a cota “média” de sacrifício do trabalhador em “benefício do progresso econômico”, cultivado nas sombras das trevas das Satânicas fábricas nos primórdios do capitalismo: “mais batatas, algumas peças de roupas de algodão para sua família, sopa e velas, um pouco de chá e açúcar

48 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 214-229.

49 PALMER, B. op. cit., 2013.

50 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 231.

51 Ibidem, p. 269.

e muitos artigos na *Economic History Review*”.⁵² Ou, se preferirem, sua contestação àqueles historiadores econômicos conservadores, como R. M. Hartwell, cujo julgamento a respeito do trabalho infantil e dos primórdios da industrialização foi deformado por um relativismo inapropriado. Hartwell, escrevendo em 1959, alegou que os leitores modernos, “bem endurecidos pela familiaridade com os campos de concentração”, eram “relativamente indiferentes” às histórias demasiadamente sentimentais acerca das formas pelas quais as crianças foram exploradas pela era da máquina nos início dos anos de 1800. Thompson, que se mostrou enojado com as maneiras como o crescimento abusivo do número de crianças e jovens no mercado de trabalho aumentou ano a ano no curso da Revolução Industrial na Inglaterra, ponderou que “poucas questões desviaram-se tanto da história devido a uma mistura liberal de justificação e ideologia”, e ofereceu uma réplica áspera a Hartwell, sendo sua ofensa registrada por meio de uma refutação perfunctória: “Podemos ser autorizados a reafirmar uma visão mais tradicional: aquela de que a exploração de crianças, nessa escala e nessa intensidade, foi um dos eventos mais vergonhosos de nossa história.”⁵³ Thompson pegou na pena não apenas contra historiadores contemporâneos. Quando um membro do Parlamento comentou, em 1819, que os aprendizes de limpadores de chaminés (*climbing boys*) empregados em determinadas tarefas não eram “filhos de pessoas pobres, mas de homens ricos, concebidos de maneira imprópria”, como se o estigma de terem nascido fora-do-casamento os marcasse, justificadamente, por meio de uma precoce exploração, Thompson contestou, ironizando: “Tal declaração demonstra um fino senso de retidão moral, assim como uma completa ausência de preconceito de classe.”⁵⁴

Também sugere, segundo Thompson, o quão fácil era, nesse período, desviar-se de críticas sociais legítimas, apelando para os “escrúpulos religiosos”. Se em “A Árvore da Liberdade”, introdução de “A Formação da Classe Operária Inglesa”, o debate levado a cabo em torno do impacto do metodismo, de certa forma, contemplou dois lados, no capítulo “O Poder Transformador da Cruz”, em “A Maldição de Adão”, Thompson revisitou a ética religiosa da máquina como um processo de aculturação em benefício da disciplina capitalista. “Puritanismo — Dissidência — Inconformismo: a decadência acaba em rendição” é a formulação que abre sua discussão sobre a apologia religiosa.⁵⁵ Thompson encerrou esse capítulo enfatizando que, assim como os radicais de designação metodista, no movimento cartista e em outros movimentos de trabalhadores, podem ter trazido para suas lutas muitas posições derivadas da tradição de dissidência, eles tinham pouco em comum com os ministros autoritários que vieram a ocupar os postos oficiais das igrejas estabelecidas. “Apenas violentando a imaginação”, concluiu Thompson, “nós podemos imaginar o tecelão cartista”, Benjamin Rushton, e Jabez Bunting, a figura dominante do wesleyanismo ortodoxo durante longo período da primeira metade do século XIX, e o próprio sendo filho de um alfaiate metodista de Manchester que abraçou o jacobinismo nos anos de 1790, como tendo alguma vez “integrado um mesmo movimento”. “Mas quem foi Rushton”, indagou Thompson, “senão o Adão amaldiçoado pelo Deus de Bunting?”⁵⁶ É nessa seção do livro que Thompson pinta o quadro mais devastador do metodismo, como o “desolador panorama interior do utilitarismo em uma era de transição para a disciplina do

52 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 351.

53 Ibidem, p. 367 e 384.

54 Ibidem, p. 377.

55 Ibidem, p. 385.

56 Ibidem, p. 436-440.

trabalho e do capitalismo industrial”.⁵⁷ De fato, mais a frente em “A Formação”, Thompson acusa o metodismo de ser uma “influência anti-intelectual, da qual a cultura popular britânica nunca se recuperou completamente”.⁵⁸ E contra esse tipo de registro, Thompson proferiu um argumento ácido:

Deveria ser notório o paradoxo de uma “religião do coração” que inibe qualquer espontaneidade. O metodismo sancionou as “emoções do coração” apenas nas instâncias religiosas; os metodistas escreveram hinos, mas nenhuma poesia secular digna de nota; a ideia de um amante metodista apaixonado nessa época é absurda (“Evite qualquer forma de paixão”, advertia Wesley). A palavra é desagradável; mas é difícil não ver no metodismo desse período uma forma ritualizada de masturbação mental. [...] Os orgasmos de sentimentos nos *sabbaths* tornaram mais possível dirigir, semanalmente, a concentração dessas energias para a consumação do trabalho produtivo. [...] as chamas do inferno poderiam ser a consequência da indisciplina no trabalho. [...] O trabalho era a cruz do trabalhador industrial “convertido”.⁵⁹

Em uma passagem que pressagiava Foucault, Thompson escreveu como a transformação se estendeu para todas as esferas da vida cotidiana:

As pressões em relação à disciplina e à ordem se estenderam da fábrica, por um lado, e da escola dominical, por outro lado, para todos os aspectos da vida: lazer, relações pessoais, fala, modos. Junto à operação disciplinadora dos moinhos, das igrejas, das escolas, e dos magistrados e dos militares, órgãos quase oficiais foram montados a fim de impor uma conduta moral disciplinada.⁶⁰

No processo, a batalha da Revolução Industrial foi vencida pelos defensores da metódica economia monetária, que reconfigurou a comunidade plebeia do século XVIII, despojando-a de feriados habituais, temperamentos recalitrantes e indulgências de todos os tipos. Contra esse registro de repressão, subordinação e doutrinação, a linguagem de Thompson conheceu poucas restrições. A respeito da conquistada “fama nacional” de Jacob Bunting na Conexão Metodista, Thompson se recusou a fechar os olhos para a insensível indiferença da hierarquia religiosa para com os sofrimentos, especialmente proeminentes entre as mulheres e as crianças, associados à ascensão da nova ordem capitalista industrial, baseada na fábrica.

A fama era necessária, talvez, para subjugar as crianças durante seis dias da semana. Em Bunting e seus seguidores, parece que estamos lidando com uma deformidade da sensibilidade complementar às deformidades das crianças das fábricas, cujo trabalho eles consentiam. Em toda a copiosa correspondência de seus primeiros ministérios nos grandes centros industriais (Manchester, Liverpool, Sheffield, Halifax e Leeds, 1804-1815), entre as inúmeras disputas mesquinhas referentes à Conexão, charlatanice moral e inquirições lascivas a respeito da conduta privada de jovens mulheres, nem ele nem seus colegas parecem ter sofrido a mínima náusea em relação às consequências da industrialização.⁶¹

57 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 402.

58 Ibidem, p. 811.

59 Ibidem, p. 405-6.

60 Ibidem, p. 442.

61 Ibidem, p. 390.

E então segue uma linguagem de denúncia em tom provocativo: uma “desorganização essencial da vida humana”, “atrocidades psicológicas”, “processos espirituais de contrarrevolução”, “quiliasso do desespero”, “inibições repressivas”. Thompson achou o julgamento de W. E. H. Lecky, em 1891, sobre o metodismo no início do século XIX, extraordinariamente pertinente: um “aterrador sistema de terrorismo religioso”.⁶² Thompson qualificou, em 1957, o polido debate das salas de palestras acadêmicas como uma “história estabelecida, que adota uma remota abordagem pseudo-sociológica para a história da classe trabalhadora”. No combate a essa postura de tirar o colorido do processo histórico, Thompson declarou, ainda em 1957, que “o ‘fator humano’, o ‘problema psicológico’”, foi crítico para entender “um sistema de opressão político e econômico”. A objetividade preocupada com a verdade, ele afirmou vigorosamente, “conduzirá o historiador ao centro dessa real situação humana; e uma vez que ele esteja lá, se ele é um historiador digno desse nome, ele *fará* julgamentos e tirará conclusões”.⁶³

Combinado com outros processos históricos, especialmente a brutal repressão levada a cabo pelo Estado, o “poder transformador da cruz” teve um impacto decisivo. O jacobinismo foi lançado à proscrição, perdendo aquela coesão e a performance dramática que conseguira desenvolver nos anos de 1790, e as solidariedades do nascente sindicalismo se cristalizaram, como consequências das Duas Leis, em códigos que fetichizavam modelos de regras e canalizavam os rituais de mutualidade para a sobriedade e suportes de autoajuda da sociedade. Ainda assim, os valores coletivistas eram predominantes em relação aos valores individualistas e havia segmentos do proletariado, como a comunidade da diáspora irlandesa, que mantiveram uma postura rebelde, recusaram-se à subordinação, recorreram à força física, e resistiram às intimidações da legislação coercitiva. Contra a interpretação de Blake de que “todas as artes da vida se transformaram em artes da morte”, Thompson defendeu que, apesar de toda a dissipação do “sentimento de coesão da comunidade”, os trabalhadores de princípios do século XIX ainda conseguiam nutrir um antagonismo “aos seus empregos e a seus patrões”, construindo para si mesmos um sentimento de possibilidade alternativa. Argumentando contra as mentiras encobertas da Autoridade e contra todos aqueles que propagavam tal desinformação, tanto no passado quanto no presente, Thompson, após quase 500 páginas, estava pronto para explorar “A Força dos Trabalhadores” durante o período que terminou por desembocar no cartismo nos anos de 1830.

Debate III: consciência de classe e a heroica cultura de luta

Os debates reunidos na Parte III de “A Formação da Classe Operária Inglesa” foram ensaiados nas seções precedentes do livro. “A Árvore da Liberdade” introduziu o constitucionalismo e suas críticas, assim como seu principal defensor e arquiteto dentro do emergente movimento de trabalhadores, Francis Place. A consolidação do artesanato levou a iniciativas, associadas a Place, que estruturaram as tradições de mutualidade por meio de um regulamento interno sério, sóbrio e santificado, os quais representaram, simultaneamente, um triunfo da autodisciplina e uma domesticação da substância ameaçadora de parte significativa do modo de vida da classe trabalhadora.

62 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 409, 414, 419, 427, 430 e 415.

63 THOMPSON, E. P. “God and King and Law”. *New Reasoner*. 3 (Winter), 1957, p. 79 e 85.

Na história dos anos de 1790-1830, esse dualismo esteve em constante tensão; contudo, à medida que as instituições dos movimentos de trabalhadores se desenvolveram e sustentaram uma posição contra seus adversários de classe, a tendência entre os historiadores foi, baseando-se no arquivo de Place, reescrever essa história de tensão. Eles exorcizaram aqueles eventos e forças que extrapolaram as fronteiras da propriedade por meio de práticas de organização clandestina ou de respostas a ataques aos seus direitos e benefícios presumidos, e que, por pouco, romperam com a quase refinada etiqueta institucional dos comitês dos sindicatos, dedicados à “Decência e à Regularidade”, avessos à “Intemperança, à Animosidade e à Profanação”.⁶⁴ Reforma respeitável e tratamento apropriado tornaram-se as palavras de ordem de uma história sensata, como as escritas pelos Hammonds e pelos Webbs, e tinham, na visão de Thompson, muito pouco do fogo oculto e da conspiração clandestina. Se foi verdade que, em fins da década de 1830, os protestos angariaram dezenas de milhares de mineiros, artesãos, e trabalhadores, que marcharam em ordeiras procissões em Manchester e Newcastle, desdenhando da provocação das autoridades com uma contenção bem disciplinada, esse espetáculo de força da classe, e a distância desses acontecimentos em relação às multidões do século XVIII, foi presumido menos como articulações respeitáveis pela necessidade de reformas e mais como reconhecimento, nas palavras de um líder da classe trabalhadora, de que “nossa gente aprendeu bem que não é a revolta que nós queremos, mas a revolução”.⁶⁵

E enquanto a revolução mostrava sua cara sob muitas formas nas primeiras décadas do século XIX, não era todo protesto da classe trabalhadora que poderia ser enquadrado no constitucionalismo de Place. Thompson insistiu em cavar mais fundo o que ele designou como “sociedade opaca”, conferindo legitimidade à conspiração oculta, levando a sério prestação de juramentos, fabricação de piques, quebra de máquinas, recusando a tendência a ver nos relatórios oficiais, frequentemente redigidos por espões, apenas a fobia classista dos poderosos. Como Thompson notou sobre os Hammonds, que ele defendera na Parte II de “A Formação” contra os ataques da nova ortodoxia formada pelos acadêmicos apologistas do capitalismo e propagadores de uma avaliação otimista a respeito do impacto da Revolução Industrial, eles assumiram uma “disposição marcante de começar sua pesquisa com o pressuposto de que quaisquer esquemas insurrecionais *bona fide* por parte dos trabalhadores eram ou altamente improváveis ou, senão, equivocados, desmerecedores de simpatia e, portanto, deveriam ser atribuídos a uma fração lunática, irresponsável”. Ao lado dos Webbs e de figuras como Graham Wallas — todos fabianos —, os Hammonds tracejaram sua história dos movimentos dos trabalhadores à luz dos acontecimentos subsequentes: as Leis de Reforma; o estabelecimento do TUC (Trades Union Congress — Congresso dos Sindicatos Britânicos); o surgimento do Partido Trabalhista. “Visto que os luddistas ou participantes dos motins por alimentos não se mostram como ‘precursores’ satisfatórios do ‘Movimento dos Trabalhadores’”, escreveu Thompson, “eles não mereciam nem simpatia nem detida atenção”. Essa era a mentira encoberta do cérebro romântico, e Thompson não via razão em perpetuar essas representações deturpadas.⁶⁶

Os debates contidos em “A Força dos Trabalhadores” não foram assentados apenas nessa sensibilidade claramente social e democrática. Na parte II de “A Formação”, a discussão de Thompson no capítulo “Exploração” começou com um

64 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 457.

65 Ibidem, p. 469.

66 Ibidem, p. 647-648.

questionamento sobre o consenso entre interlocutores conservadores, radicais e socialistas, do passado e do presente, que formularam um entendimento determinista acerca da formação da classe: “energia a vapor e indústria algodoeira = nova classe trabalhadora”. Citando “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra em 1844”, de Engels, o qual postulou que as mãos fabris de meados do século XIX formaram o núcleo do “Movimento de Trabalhadores”, Thompson divergiu, sugerindo que, ao contrário, o jacobinismo, o luddismo e o cartismo, todos considerados por ele capítulos vitais na formação da classe trabalhadora, foram menos os produtos das mãos fabris do que de trabalhadores de outros setores e seus aliados e defensores. Se Thompson distinguiu consenso nessa premissa generalizada, não foram incontestes, entretanto, suas variantes marxistas sobre as quais seus debates se centraram. “A Força dos Trabalhadores”, como Thompson afirmou mais tarde, alvejou diretamente o entendimento simplista sobre a formação da classe proeminente no movimento comunista no final dos anos de 1950, polemizando contra a visão de que “algum tipo de matéria bruta, como os camponeses ‘correndo para as fábricas’, foi então transformada em tantos celeiros de consciência de classe proletária”. Os debates levados a cabo por Thompson visavam “mostrar a consciência plebeia existente refratada pelas novas experiências do ser social, experiências que foram manejadas de maneira cultural pelas pessoas, consequentemente dando origem a uma consciência transformada”.⁶⁷ As discussões de Thompson tiveram início tendo em conta Londres, a “Westminster radical”, onde alguma coisa do jacobinismo da década de 1790 havia sobrevivido e onde os canais entre reformadores da classe média e da classe trabalhadora existiam. Mas a forma característica da organização em Londres era o comitê, no qual artesãos radicais conviveram lado a lado com homens de propriedades modestas ou títulos profissionais, todos eles podendo, com exceção dos raros patrícios radicais confortáveis em um ambiente taverneiro de conspiração, portar preconceitos contras os modos grosseiros e a ainda mais grosseira política das desmoralizadas “classes perigosas”. Nas províncias onde, como Wade Matthews recentemente argumentou⁶⁸, Thompson sempre se sentiu mais confortável, a repressão acabou com a pujança dessa cultura do comitê, forçando os reformadores a entrar em contato com associações sindicais há muito proscritas, trazendo a política do radicalismo para as reuniões noturnas secretas de trabalhadores sob juramento, cujas queixas se multiplicaram pelas opressões associadas à tirania política e à autocracia industrial. “Ao norte de Trent”, Thompson assinalou, mapeando diferenças regionais em “A Força dos Trabalhadores”, “encontramos a tradição clandestina”.⁶⁹

A análise de Thompson sobre a tradição clandestina em “A Formação” é, de alguma forma, a alma de seu argumento sobre a agência da classe, pois é em sua excursão ao subterrâneo que sua força inventiva alcança, talvez, o auge. Ele não apenas está constantemente entrando em atrito com o senso comum e escovando a contrapelo seu modelo interpretativo, mas também investigando fontes e lendo nas entrelinhas das evidências a melhor forma de sugerir olhares alternativos para o clamor do desdém condescendente. Ao conferir outro significado para além da catástrofe às Conspirações de Despard e da Cato Street e à Rebelião de Pentridge, Thompson repudia a visão popular e preconceituosa do luddismo, que o vê como algo pouco mais que “um caso espontâneo, inculto, de trabalhadores manuais iletrados, resistindo cegamente à maquinaria”. Sensível às diferenciações

67 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 209-213; MERRILL, M. op. cit., 1983, p. 7.

68 MATTHEWS, W. op. cit., 2013; PALMER, B. op. cit., 2013.

69 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 514.

regionais, Thompson, todavia, desenvolve a imagem do luddismo como um movimento, caracterizado por um elevado grau de organização e que emerge de um contexto político favorável aos impulsos da insurreição.⁷⁰ Ainda que sua interpretação pudesse, mais tarde, gerar intenso repúdio por parte da direita, o argumento talvez estivesse mais energicamente voltado contra os pressupostos da esquerda, particularmente da variante social-democrata mais branda, exposta nas páginas de “O Trabalhador Qualificado [The Skilled Labourer]”, dos Hammonds, e de seguidores como “Distúrbio Populares e Ordem Pública na Inglaterra do Período da Regência [Popular Disturbance and Public Order in Regency England]”, de F. O. Darvall, ambos os quais negaram a existência de qualquer evidência sugestiva de uma mobilização revolucionária ou de uma política que fosse além das disputas mundanas (se a palavra pode ser usada com credibilidade) entre trabalhadores e patrões. Thompson argumentou anteriormente, respondendo a esse exemplo específico de “condescendência da posteridade”, com uma reunião de evidências, especulação fundamentada, assim como avaliações, com conhecimento de causa, de material de referência, como a geografia das Midlands e do Norte. No fim, ele concluiu que as visões pejorativas e desdenhosas acerca do luddismo poderiam ser sustentadas “somente por uma alegação que exagera absurdamente a estupidez, o rancor e o papel provocador das autoridades; ou por uma falha de imaginação acadêmica, que compartimenta e ignora todo o peso da tradição popular”.⁷¹ Não é apenas que Thompson tenha uma visão diferente do luddismo, mas ele também trouxe para o discurso acadêmico uma nova perspectiva para interrogar as evidências — tais como relatórios de espões —, com um olhar atento para aquilo que era legítimo nos arquivos dos informantes e para aquilo que, em contraste, era exageração, apresentado de forma difamatória a fim de bajular a Velha Corrupção. Consequentemente, ele elevou o nível de compreensão de eventos e desenvolvimentos históricos essencialmente envoltos num manto de segredo, mistério e incerteza. Esses eventos não são, necessariamente, insignificantes pelo fato de serem nebulosos, e o tratamento que Thompson dá ao luddismo é um exemplo de inteligência criativa, baseado em inúmeras fontes recolhidas, que os historiadores, quando em seu melhor, utilizam em análises estendidas. No caso de Thompson, o debate animou o método.

À medida que “A Formação da Classe Operária Inglesa” caminha para sua conclusão, Thompson explora os caminhos pelos quais o posicionamento e a transformação da consciência de classe, e a subsequente política do desafio revolucionário, foi alimentada por radicais — Cobbett, Hunt, Owen, Bronterre O’Brien, entre outros — e reforçada brutalmente pela repressão, por meio de eventos como Peterloo. Em seu estudo sobre o impacto de radicais como Cobbett, não surpreende que ele enfatize o valor da argumentação. “Cobbett”, Thompson observou, “trouxe o ritmo da fala de volta à prosa; mas de uma fala categoricamente enfática, argumentativa”.⁷² Como Thompson, Cobbett também valorizava o debate, defendendo “o Povo, ou a gente comum”, como eles gostavam frequentemente de ser chamados pelas vozes do *Establishment*, da afirmação de que eles eram “incapazes de compreender o argumento”. “Qual argumento?”, indagou um beligerante Thompson.

Finalmente, Thompson argumenta que a formação da classe trabalhadora inglesa ocorreu dentro de um paradoxo, consolidando “a cultura popular mais distinta que a Inglaterra já conheceu”:

70 THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 604.

71 Ibidem, p. 631.

72 Ibidem, p. 823.

Abrangeu uma massiva diversidade de ofícios, com os trabalhadores do metal, da madeira, dos têxteis e das cerâmicas, sem cujos “mistérios” herdados e soberba engenhosidade com ferramentas primitivas, as invenções da Revolução Industrial dificilmente poderiam ter saído da prancheta. Dessa cultura do artesão e do autodidata, sobrevieram uma série de inventores, gerentes, jornalistas e teóricos políticos de qualidade impressionante. É muito fácil dizer que essa cultura olhava para o passado ou era conservadora. Não há dúvida, um caminho das grandes agitações de artesãos e trabalhadores em domicílio, que persistiu por mais de 50 anos, foi o de resistir à conversão em proletariados. Quando eles perceberam que esta era uma causa perdida, uma vez mais eles se mobilizaram, nos anos trinta e quarenta, e buscaram alcançar novas, e apenas imaginadas, formas de controle social. Durante todo esse tempo, eles foram, enquanto classe, reprimidos e segregados em suas próprias comunidades. Mas o que a contrarrevolução procurou reprimir, apenas veio a crescer de modo ainda mais determinado nas instituições semilegais da clandestinidade. Sempre que as pressões dos dominantes relaxassem, homens saíam de oficinas minúsculas ou de aldeias de tecelões e impunham novas reivindicações. Dizia-se a eles que não tinham quaisquer direitos, mas eles sabiam que eram livres de nascimento. A Milícia Montada atropelou suas assembleias, e o direito à assembleia pública foi conquistado. Os panfletistas foram detidos, e das cadeias eles editaram panfletos. Os sindicalistas foram encarcerados, e eles foram acompanhados às prisões por procissões com faixas e bandeiras sindicais.⁷³

Não admira que Thompson, talvez, após discussão profunda, tenha concluído com uma nota de gratidão, agradecendo aos trabalhadores por terem alimentado, por meio século, a *Árvore da Liberdade*, por travarem lutas nas quais uma heroica cultura foi construída.

Classe e Thompson: acontecimentos históricos

Eu sustentei que Thompson combateu não apenas em uma frente, mas em todas as frentes; não apenas contra a interpretação, mas por meio de tipos particulares de evidência; não somente contra determinados tipos de análise do passado, mas contra certos autores que modelaram nosso entendimento de sua era de forma deliberada e parcial. Essa ênfase no debate, sua diversidade revelada na metáfora multifacetada das mentiras encobertas de Auden, explica como Thompson estruturou “*A Formação da Classe Operária Inglesa*” e também percorreu um longo caminho para se situar fora dos rótulos que usualmente foram impostos a ele. As análises contestatórias que eu vim explorando mostram como é infrutífero tentar colocar Thompson em um escaninho. Não muito após haver sido rotulado, por exemplo, de populista sentimental, encontramos-lo levantando sua voz crítica contra muito do que poderia ser enquadrado dentro dessa vertente. Foi atacado como marxista, e como marxista foi julgado falho. Seu marxismo, quando esteve presente enquanto escrevia “*A Formação*”, argumentou contra inclinações específicas dentro da tradição analítica do “marxismo”. Thompson e sua propensão ao debate, portanto, permaneceram isolados e, para complicar ainda mais as coisas, sua singularidade foi frequentemente constituída abraçando o paradoxo, em uma interpretação que era inventivamente dialética.

⁷³ THOMPSON, E. P. op. cit., 1968, p. 914-915.

Como, portanto, apreciar Thompson? Não podemos fazer melhor do que, suponho, nos debruçarmos sobre o conceito de classe do próprio Thompson, como delineado no prefácio de “A Formação da Classe Operária Inglesa”. “A mais fina rede sociológica não pode nos dar um espécime puro de classe, da mesma forma que não pode nos dar um espécime da submissão ou um do amor.”⁷⁴ Thompson, como o conceito historicizado de classe que ele, de forma analítica e contestadora, formulou tão brilhantemente, também era relacional. Sempre situado dentro dos acontecimentos históricos, Thompson somente poderia se empenhar por meio de intervenções ativas, que o levaram à oposição, tanto quanto a classe se formou na luta, e “A Formação da Classe Operária Inglesa”, como um texto, que foi fundamentado no debate. O significado de Thompson, como o de classe, é, portanto, inseparável das *relações historicamente-constituídas*: com indivíduos e suas ideias, assim como a noção de Thompson acerca de suas responsabilidades e deveres; com movimentos e mobilizações, e as contribuições de Thompson para essas coletividades, e as expectativas dele em relação a elas; e com a pesquisa, e seu diálogo entre evidência e teoria, uma dança dialética na qual passado, presente e futuro são conduzidos a um encontro argumentativo, até mesmo polêmico. Thompson aconteceu dentro da história, e nunca esteve apartado de suas relações humanas, capturadas, como sempre, em teias de determinação que delineiam as possibilidades da alternativa política. Pode ser preferível enxergar Thompson, e as análises contestadoras que fizeram “A Formação da Classe Operária Inglesa”, portanto, como ele enxergou o processo de formação de classe que ele analisou com tanta perspicácia, como nada menos do que um *acontecimento histórico* imensamente criativo.

Recebido em 19/09/2013
Aprovado em 20/10/2013

74 THOMPSON, op. cit., 1968, p. 9.